

**JOSÉ CARLOS COMPLETO e
MÓNICA CORTESÃO GONÇALVES**

**PATRULHA
LQBO**

NA GRUTA DOS MORCEGOS





UMA ESCOLHA CONTROVERSA

Não acho nada boa ideia! — refile Ivo, enquanto organizavam a saída para a nova atividade. A sede dos escuteiros estava inquieta, as quatro patrulhas gritavam, cada uma para seu lado, excitadas com a aventura que estava para chegar. Preparavam os últimos detalhes nos seus cantos de patrulha, até chegar a hora combinada para partirem.

— Porquê? — questiona Ana.

— Ainda perguntas? — indigna-se Ivo.

Ana faz uma expressão de desacordo misturada com tristeza.

— És sempre do contra! — ralha Miguel.

— Vocês é que têm ideias malucas e eu é que sou do contra, isto está bonito! — defende-se Ivo.

— Que mal tem a atividade que escolhemos, afinal? — pergunta Marta, com um ar de desafio.

— Tudo! — insiste Ivo.

— Vá lá Ivo, estivemos os cinco a estudar na internet

o que havíamos de fazer neste carnaval, e tu não achaste mal — intervém Guilherme.

— Mas também não achei bem, pois não?

— Não resmungaste tanto, pelo menos — goza Marta.

— Estavam todos contra mim, nada mais podia dizer, não acham?

— Ninguém está contra ti Ivo, diz lá porque é que não estás à vontade com esta atividade — pede Ana com meiguice.

— Ora porque vamos fazer espegia...

— Espeleologia! — corrige Ana, sorridente.

— Isso!

— E então? — pergunta Marta, mantendo o seu ar gozão.

— Só a palavra mete medo... — desabafa Ivo, baixinho.

— Vamos entrar numa gruta pouco explorada, o que há de melhor? — sorri Guilherme, imaginando o que o esperava.

— O quê? — pergunta Ivo, aflito.

— Hum? — perguntam os quatro amigos em unísono.

— Vamos entrar onde? — mantém Ivo a aflição.

— Na gruta! — responde Miguel, devagar.

— Vamos fazer espeleologia, o estudo de uma gruta — explica Ana, mantendo o cuidado de Miguel.

Marta não aguenta mais e desata a rir-se à gargalhada.

— Qual é a graça? — pergunta Ivo, irritado.

— Estivemos estes dias a estudar o que haveríamos de fazer... — inicia Marta a sua justificação, mantendo o riso.

— E havia várias hipóteses! — defende-se Ivo.

— Falámos em espeleologia e vimos até várias fotos de grutas... — continua Marta.

— E então? Também vimos outras fotos e falámos de outros nomes estranhos — choraminga Ivo, cada vez mais amuado.

— Decidimos à tua frente e perguntámos se estavas de acordo quando escolhemos a Gruta do Vermelho...

— Mas...

— É verdade, Ivo — intervém Ana com a sua habitual calma. — Tu concordaste com tudo, senão tínhamos visto outras hipóteses, decidimos tudo juntos, tu sabes!

— Mas, eu...

— E tu, no dia da atividade não sabes o que vamos fazer? — conclui Marta.

A gargalhada alastrou-se para os restantes amigos, foi inevitável. Apenas Ivo se mantinha amuado.

— Eu não percebi que espelologia era isso das grutas e...

— Espeleologia — corrige Ana, tentando conter o riso.

Os amigos continuaram a gargalhada.

— Agora não há nada a fazer! — explica Miguel. — Temos mesmo de ir, já está tudo organizado e combinado com os chefes e os nossos pais...

— Vais adorar Ivo, vais ver — sossega Guilherme.

— Então, mas... — diz Ivo, a medo. — O que vamos fazer?

— Espeleologia é a ciência que estuda as cavernas e as grutas — explica Ana.

— Isso não me parece mesmo nada bem...

— A gruta para onde vamos é fantástica, Ivo — afirma Guilherme, excitado. — Foi pouco explorada e por isso

não encontrámos quase nenhuma informação sobre ela! Não é excelente?

— Não me parece nada excelente, a mim parece-me mais perigoso! — exclama Ivo, cada vez menos feliz com a atividade em que ia participar com os seus melhores amigos.

— Não sejas assim — pede Miguel, sorrindo ternamente para Ivo que se mantinha amuado.

— Chama-se Gruta do Vermelho e foi descoberta por um espeleólogo apenas há oito anos atrás, vê bem — explica Marta.

— Foi descoberta por quem? — pergunta Ivo, cada vez mais confuso.

— Por um espeleólogo — confirma Ana —, a pessoa que explora as grutas e cavernas, mas profissionalmente.

— Não descobrimos o nome dele, não deve ser muito conhecido, não sei... Ainda por cima a gruta está pouco explorada — pondera Marta.

— E tem milhares e milhares de anos — termina Guilherme a descrição.

— Uma gruta com milhares de anos, pouco explorada e que não sabemos nada dela, a sério? — pergunta Ivo, irritado.

— Sim — respondem os quatro amigos sorridentes, em coro.

— Não tinham nada mais perigoso para fazer? — reclama Ivo.

— Não é perigoso, vais ver que te divertes — assegura Guilherme.

— Ainda bem que a minha mãe me deu comida a mais! — afirma Ivo, ainda assustado, causando mais uma gargalhada coletiva.

As mochilas foram recheadas de todo o material de que iriam necessitar e os humores acalmados, agora era a hora das recomendações dos chefes.

— Desta vez, cada patrulha pôde escolher a atividade que queria fazer no carnaval — inicia o chefe Pedro o seu discurso. — A patrulha Lobo decidiu fazer espeleologia, vai, portanto, explorar uma gruta escolhida por eles e depois apresentar o relatório de tudo o que viram, vai ser uma exploração divertida e científica, boa escolha, patrulha Lobo!

— Vês — sussurra Marta para Ivo. — Foi uma boa escolha.

— Oh! — amua Ivo.

— A patrulha Tigre escolheu fazer uma atividade de sobrevivência — continua a chefe Guida. — Vai ser uma atividade muito importante e de grande aprendizagem. Terão de construir abrigos de raiz na floresta, fazer a própria comida sem utensílios, bem como outros pormenores a que nos habituámos. Bem pensado, patrulha!

— A patrulha Esquilo vai fazer uma atividade dentro de um grande monumento histórico, outra belíssima ideia que vos vai pôr a estudar a história fantástica do nosso país. No final quero esse relatório bem recheado de pormenores, tenho a certeza de que se vão divertir imenso pelos corredores antigos do castelo — diz o chefe Pedro.

— E por fim, a patrulha Mocho decidiu fazer uma boa ação em grande escala neste carnaval. Vai passar o fim de semana numa associação de solidariedade social e fazer tudo o que for necessário, estou muito orgulhosa por esta ideia — conclui a chefe Guida.

As patrulhas aplaudiram a descrição das atividades.

— Agora chegou o momento de partirem para a vossa

aventura — esclarece o chefe Pedro. — Cada patrulha vai seguir o seu caminho. Tenham os cuidados habituais sempre em mente, cada atividade acarreta a sua dificuldade e quero que nunca se esqueçam disso.

— Sim, chefe — gritam os escuteiros das quatro patrulhas.

— Se acontecer alguma coisa fora dos planos, voltem imediatamente para a sede, onde estaremos à vossa espera — adverte a chefe Guida.

— São oito e meia da manhã e quero-vos, o mais tardar, aqui na sede amanhã, domingo, pelas seis horas da tarde — ordena o chefe Pedro.

— Sim, chefe — gritam os escuteiros, uma vez mais.

— Muito cuidado, em especial à patrulha Lobo e Tigre, que estarão em atividade no campo, o que significa que irão pernoitar no local escolhido por vocês.

— Sim, chefe — respondem, com sorrisos largos, os escuteiros.

— Têm tudo preparado para a partida? — pergunta a chefe Guida.

— Sim, chefe — confirmam os escuteiros, animados.

— Então de que estão à espera? — brinca o chefe Pedro, sorridente.

Os escuteiros saíram animados da sede, todos juntos, seguindo cada patrulha o seu caminho.

Ivo mantinha as suas reservas relativamente à atividade escolhida pela patrulha Lobo.

— Não podiam ter escolhido uma atividade normal como as outras patrulhas? — pergunta Ivo, indignado.

— Não! — responde Marta, assertiva.

— Vais gostar, vais ver... — continua Guilherme, positivo.

— Explorar um monumento em que o único problema era darem-nos a autorização para lá ficarmos... Ou uma boa ação especial...

— Não! — repete Marta, com o seu habitual ar traquina.

— Ainda não fizemos esta atividade, Ivo, e quem sabe é a nossa única hipótese de a fazer, já pensaste nisso? — explica Ana.

— Ou então uma atividade de sobrevivência, era bem melhor — continua Ivo, ignorando Ana.

— Não! — ri-se Marta, não conseguindo manter o semblante assertivo que queria.

— Fica a remoer a ideia que ainda tens muito que andar... — afirma Miguel, sorridente.

— Hum? — pergunta Ivo, assustado. — Ainda por cima é longe?



CAMINHADA ANIMADA

A gruta escolhida pela patrulha Lobo ficava numa serra alta e com alguma dificuldade em lá chegar.
— Quanto tempo é que vamos estar dentro desta camioneta?

— Já estamos quase a acabar, Ivo, não te preocupes — acalma Miguel, sorridente.

— E depois?

— E depois o quê? — pergunta Marta, impaciente. — Hoje estás demais, Ivo, não costumavas ser assim...

— Pois não, Ivo, a Marta tem razão — concorda Ana.
— Costumas ser o primeiro a querer arrancar para a aventura!

— Mas isso são atividades fora das grutas — justifica-se Ivo.

— Mas tu nunca estiveste dentro de uma gruta, como sabes que não vais gostar? — questiona Guilherme.

— Tenho um mau presentimento!

— Presentimento — corrige Ana.

— Não digas asneirolas — repreende Marta.

— Oh! — amua Ivo.

— Olha, estás a ver? — pergunta Miguel. — Com a conversa chegámos à última paragem.

— E a gruta? — pergunta Ivo, sem avistar nenhuma.
— Só vejo uma aldeia antiga e, ao que parece, pequena...

— Para chegares à gruta ainda temos de andar um pouco mais de seis quilómetros, até lá não há transportes.

— Maravilhoso — ironiza Ivo. — Ainda por cima com estas mochilas pesadas com sacos-cama e capacetes e comida e eu sei lá... Ah! E vamos dormir dentro de uma gruta! Que rica ideia, realmente!

— Acordaste mesmo maldisposto, chiça — reclama Marta, a ficar também ela de mau humor.

— Bem, temos de dar a volta a isto, Gui, senão não sei — ri-se Miguel.

— Podes crer, daqui a pouco já não podemos ouvir o Ivo e a Marta de tanta *refilice* — concorda Guilherme.

A gargalhada pegou a todos menos a Ivo, que se mantinha amuado.

— E que tal uma canção enquanto caminhamos?

— Boa ideia, Ana — concorda Miguel.

— Canta, canta, amigo canta... — começa Marta.

— Vem cantar a nossa canção... — continuam os restantes amigos, incluindo Ivo, que se animara um pouco com a canção. — Tu sozinho não és nada, juntos temos o mundo na mão.

Foram subindo os montes, com Miguel e Guilherme à frente, seguindo uma carta topográfica, com a ajuda da bússola.

— Chegámos — exclama Miguel, parando em frente a uma vegetação espessa.

— Ainda bem — desabafa Ana. — Estou cheia de sede, e já estou a precisar de descansar.

— Eu também — continua Marta, a mais nova da patrulha.

— Mas chegámos onde? — reclama Ivo, elevando a voz. — Só vejo arbustos e mais arbustos.

— Ivo — começa Guilherme, com muita paciência — esta gruta tem a entrada meia escondida, por isso é que não é muito conhecida. Queres ver? — Guilherme afasta uns arbustos e silvas, usando a sua vara para não se picar, e eis que surge um pequeno buraco no meio de um rochedo.

Ficaram todos parados junto da entrada da gruta a observar, ainda de longe, o que os esperava.

— Bem, patrulha Lobo, vamos equipar-nos com os capacetes e as lanternas — ordena Miguel. — Cá fora está calor, mas lá dentro vamos sentir mais fresco.

Os escuteiros obedeceram. Aconchegaram os capacetes nas cabeças e acenderam as lanternas que estavam agregadas a eles.

— Bora? — incentiva Guilherme.

— Esperem! — grita Ivo, quando todos se preparavam para dar o primeiro passo, impedindo-os.

— Não comeces! — critica Marta.

— Não, é só... — tenta Ivo explicar, sem saber como.

— Oh Ivo! Estavas tão contente a cantar — diz Ana, triste.

— E já estou mais contente, agora não há nada a fazer mesmo...

— Então o que foi? — pergunta Miguel.

— Nada, vamos entrar então...

— Assim é que é falar! — congratula Guilherme.

Ivo respirou fundo, Ana deu-lhe a mão, e entraram, um por um, dentro da gruta que, não sabendo se por causa de Ivo ou de outra razão qualquer, trazia um pouco de mistério no ambiente.

— Desculpem, mas eu continuo a achar má ideia, sabem... — começa Ivo outra vez, caminhando a medo.

— Não digas isso — pede Ana, calmamente.

— Já imaginaram a quantidade de bichos que devem estar aí dentro?

— Tem tantos bichos como em qualquer outro lugar onde fazemos atividades — responde Guilherme, caminhando pelo espaço apertado de acesso à gruta, observando com atenção à medida que se iam embrenhando nela.

— Pois, mas aqui são bichos diferentes, de certeza!

— E como sabes isso tudo, Ivo, com tanta certeza? — pergunta Marta, com o seu típico ar traquina.

— Bem...

— Não foi pelo que estudaste connosco sobre a gruta, de certeza! — goza Marta, rindo-se descaradamente.

— Sim, a Marta tem razão — concorda Miguel, também a rir. — De grutas nada sabes, porque estavas noutra mundo quando planeávamos esta atividade.

— Gozem à vontade, mas eu tenho cá um mau presentimento!

— Presentimento, Ivo! — corrige Ana, uma vez mais.

— Isso! — resmunga Ivo.

— Eu cá estou a adorar o que vi até agora! — exclama Marta, sorridente. — Não sabia que as grutas eram assim tão frescas e misteriosas...

— Como o nome, por exemplo — sugere Miguel.

— Aí está outra... — indaga Ivo.

— Que outra? — pergunta Ana, baralhada.

— Como disseram que se chamava a gruta? — interroga Ivo.

— Gruta do Vermelho — responde Guilherme, contente.

— Um nome estranho para uma gruta, ou não acham? — questiona Ivo.

— Porquê? — pergunta Miguel, sem perceber onde queria chegar o amigo com aquela conversa.

— Como querias que se chamasse? A Gruta do Cor de Rosa? — goza Marta, entusiasmada com o rumo do diálogo.

— Muito engraçadinha — ironiza Ivo enquanto os amigos se riam à gargalhada com a provocação de Marta.

— Não acham o nome nem um bocadinho estranho?

— Não, porquê? — insiste Ana.

— Que nome é que as grutas devem ter? Também não te percebo! — exclama Miguel.

— De repente ficou especialista em grutas — continua Marta.

— Não é nada disso! — reclama Ivo, tentando controlar a direção da conversa.

— Então onde queres chegar, afinal? — pergunta Ana.

— Porquê vermelho? Faz-me logo lembrar sangue, o que é que querem... — explica Ivo.

— Olha, isso é animado! — brinca Guilherme. — Podem ter dado esse nome à gruta por terem encontrado sangue no chão quando a estavam a explorar...

— Não digas asneiras, Gui! — repreende Ana.

— Veem? Eu disse que era um nome suspeito para se dar a uma gruta — afirma Ivo, satisfeito por se fazer entender perante os amigos.

— Ou então encontraram aqui um fantasma sangui-
nário — entra Marta na brincadeira.

— Fantasma quê? — pergunta Ivo, assustado.

— Sanguinário! — responde Ana. — Um fantasma
cruel que gosta de derramar sangue.

— Ai! Espero que não seja essa a razão do nome —
confessa Ivo, assustado.

— Eles estão a brincar, Ivo — esclarece Miguel.

— Foste tu que começaste, agora puseste-os a imagi-
nar coisas — ralha Ana.

— Mas é verdade — defende-se Ivo. — Eles podem es-
tar a exagerar, mas têm razão, pode haver uma justificação
assim parecida...

— E zombies? — pergunta Marta.

— Epá! Zombies também é demais! — afirma
Guilherme.

— Para isso chamavam a Gruta do Cérebro! — brinca
Ivo, gerando mais uma gargalhada coletiva.

— O Ivo tem razão — confessa Miguel, ainda a rir. —
Zombies é demais!

— Eu estou mais virado para uma poça de sangue, ou
assim... — diz Ivo, com uma expressão séria.

— Eu gostei mais da ideia do fantasma — ironiza Marta.

— E se parássemos com isso? — sugere Ana. — E se
deram o nome de vermelho à gruta simplesmente porque
encontraram areia vermelha algures aqui dentro?

— Não, Ana — nega Guilherme. — E qual seria a pia-
da disso?

— Nenhuma! — concorda Marta.

— Desculpa, Ana, mas também concordo com eles —
afirma Ivo. — Se encontrarmos areia vermelha nesta gru-
ta, perde a piada toda!

— Muito bem, senhor Ivo — ri-se Ana. — Gosto de te ver assim animado.

— Afinal não é assim tão mau... — confessa Ivo, corado.

— Eu estou a adorar o que estou para aqui a encontrar — diz Guilherme, que nunca havia perdido o entusiasmo.

— Com tanta conversa, agora estou a torcer para que encontremos a tal poça de sangue no chão! — goza Miguel.

Os amigos riram-se uma vez mais. Até Ivo já estava animado com tamanha galhofa. Já se tinha esquecido das preocupações que o haviam acompanhado até ao início daquela conversa entusiasmada, que ele próprio tinha criado inadvertidamente.